

CADERNOS 27

DE LITERATURA EM TRADUÇÃO



Os Muitos Mapas da Irlanda

Traduzindo Eily em *The Lesser Bohemians* (2016): o modernismo contemporâneo de Eimear McBride

*Alinne Balduino Pires Fernandes*¹

Resumo: Aqui apresento a tradução comentada de um excerto do romance *The Lesser Bohemians* (2016) da escritora irlandesa Eimear McBride. Selecionei um trecho que corresponde ao primeiro encontro dos personagens centrais, Eily e Stephen. Eily é uma estudante de teatro, enquanto que Stephen é um ator profissional, mais velho e mais experiente. O encontro é determinante para a vida de ambos. Narrado em primeira pessoa e sempre sob a perspectiva de Eily, o romance mergulha em seu fluxo de consciência, naquilo que escuta e vivencia. A quase que completa falta de pontuação, o uso de fontes em tamanhos alternados e espaços a mais entre palavras marcam a narrativa de modo a sinalizar os pensamentos de Eily e suas interações com os outros. Traduzir *The Lesser Bohemians* é mergulhar na mente de Eily e recriar seus pensamentos em português do Brasil na linguagem coloquial de uma jovem estudante em seus primeiros anos fora de casa e de seu país. A obra é o segundo romance de McBride e inédita no Brasil. Seus críticos referem-se à McBride como aquela que trouxe nova vida ao modernismo no século XXI (O'MALLEY, 2016; GILLIGAN, 2018).

Palavras-chave: Eimear McBride; *The Lesser Bohemians*; fluxo de consciência; modernismo no século XXI; tradução comentada.

1 É professora efetiva do Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras da Universidade Federal de Santa Catarina desde 2015 e professora permanente da Pós-Graduação em Inglês e da Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC. É Coordenadora do Núcleo de Estudos Irlandeses (NEI). Líder do grupo de pesquisa Estudos Irlandeses e vice-líder do Grupo Estudos Feministas na Literatura e na Tradução (GEFLIT) e Tradução, Teatro e Colaboração. Tradutora e dramaturgista, estuda o drama radiofônico, tradução de teatro, teatro e literaturas escritas por mulheres, crítica feminista, prática de tradução e de escrita criativa como pesquisa.

Abstract: Here I present a translation with commentary of an excerpt from Irish writer Eimear McBride's *The Lesser Bohemians* (2016). I have selected the excerpt that corresponds to the moment when the main characters, Eily and Stephen, meet for the first time. Eily is a drama student, whereas Stephen is a professional actor, also older and more experienced than Eily. Their encounter is crucial to the lives of the both of them. Narrated from Eily's perspective, the novel dives into her stream of consciousness, into all that she hears and experiences. The almost complete lack of punctuation, the alternate font sizes and spaces amongst words and sentences mark the narrative so as to signpost Eily's train of thoughts and her interactions with others. To translate *The Lesser Bohemians* is to dive into her mind, which involves recreating her thoughts in Brazilian Portuguese using the colloquial language of a young student in her first years far from her home and her country. *The Lesser Bohemians* is McBride's second novel and never published in Brazil before. McBride's critics refer to her as a writer who has brought modernism back to life in the twenty-first century (O'MALLEY, 2016; GILLIGAN, 2018).

Keywords: Eimear McBride; *The Lesser Bohemians*; stream of consciousness; twenty-first-century modernism; translation with commentary.

Tradução proposta de trecho de *Os boêmios secundários*

PRIMEIRO SEMESTRE

Segunda, 19 de setembro – sexta, 9 de dezembro de 1994.

[...]

Espremida no bar pensando Não deixa ela me chamar, deixa eu curtir esta noite. Tamborilo meus dedos. Mas aí eu paro, vai que a mulher do bar acha que 'tou fazendo isso pra provocar. Anda logo mas. Daí ela me atende e faço o meu pedido e percebo que, a qualquer momento, vai ter bituca de cigarro pra todo lado. Até na minha mão – se o fumante não tomar cuidado – e é só piscar, naquele mesmo segundo, acontece. Ai! Eu solto um ai! mas a verdade é que nem dói e o dono do cigarro manda um Puta merda! 'Tá tudo bem? dedos longos dão um peteleco nas cinzas que empoeiram o meu casaco enquanto eu – por acaso perto demais – fico toda corada e solto um 'Tou bem. Não te queimei, queimei? Não. Que bom foi mal aí – e apontando para o livro – Um pouco absorto demais. Você não devia fazer isso, sabe. O quê, ler? Dobrar assim pra trás, vai estragar a lombada. Já 'tava estragado quando eu comprei, mas aí ele arruma e eu pergunto "Os demônios"? É isso mesmo, quase no final. A confissão? Você já leu? "Eu, diz ela, matei Deus". Impressionante. Por quê? Por nada, é que você não parece ser esse tipo. Ah é? Peitos grandes demais? Cabelo loiro demais? Meu Deus! com olhos bem abertos e rindo Não, de jeito nenhum, só quis dizer que você parece meio novinha. O que significa isso? resmungo um porra e fico toda vermelha. Nada, é que eu achava que a garotada só curtia "A insustentável leveza do ser", te peço desculpas, não quis te ofender. Bom

eu já li esse também e. Quer um cigarro? Não tenho que levar isso para minha amiga e. Eu vou terminar essas últimas páginas, ele diz Mas depois, pra me redimir, posso te oferecer uma bebida? Acho a gente já vai embora. Mas e se você ainda estiver por aqui? Aí a gente vê. Aí a gente vê, ele sorri e mergulha de volta do seu Dostoiévski da Penguin e eu vou procurar minha amiga morrendo de vergonha.

Putá que pariu! ela Putá que pariu, que foi aquilo? Para só para você não vai acreditar no que eu falei Putá que pariu eu queria sumir. Ela só me joga um Vai contando! E amigas são assim mesmo então eu conto a história toda, sempre cheia de Não me encara. Bem que ele podia me pagar uma bebida, ela diz com um sorriso malicioso no fim Ele é mais velho também o que é bom no fim das contas. Para com isso, até porque, ele já deve ter esquecido e mesmo se não tiver sei lá e o seu pega? Ela morde a isca e lá vamos nós, eu me desviando do olhar dele até que Ei moça do Dostoiévski? Vai tomar outra da mesma? Eu aaaah sim. Ele aponta para ela Você também? Ela refuta com a cabeça, eu preciso fazer uma ligação. Não, eu digo Por favor? Minha imploração é ignorada e lá se vão os maltrapilhos Demônios dentro do bolso dele. Eu penso, vai ficar destroçado agora.

Vai ficar destroçado agora, eu digo. Estudante de biblioteconomia, é? ele pergunta. Estudante de teatro, na verdade. Onde? E isso importa? Talvez sim. E por quê? Eu sou ator. Ah. Ele acende o cigarro com maestria Você tá sempre com essa cara amarrada? E minhas bochechas se enchem de vergonha Então onde é que é pra eu ter te visto? Olha, olha, esse é o tipo de pergunta que não se deve fazer para um ator, ele diz. Por quê, no caso de você estar quase que sempre “descansando”? Isso mesmo. E é esse o caso? Não, não é. Então qual foi o seu último papel? Eu comecei a trabalhar num roteiro esse mês. Não é. Desculpa interromper vocês, mas será que eu poderia pegar o meu casaco? Não! Imploro a ela com os meus olhos enquanto ele se inclina para frente para abrir-lhe espaço. Ela puxa o casaco e, enquanto o abotoa, mexe os lábios e, sem fazer qualquer som, diz, impiedosa Boa sorte! depois com olhar provocador Aparece lá em casa amanhã, beleza? Beleza. Deixada ali, ao léu, observo-a agora indo indo foi.

Devagar e irritada, me viro de volta. Não encana, ele diz Você vai ficar bem, caninos à mostra debaixo de seu sorriso inglês. Tem um certo cansaço nos olhos, mas seus traços são bonitos. Céus, queria ser páreo pra ele, não ficar nessa de ah pois é, conseguir tudo o que eu quiser pela minha boca. Ele, tocando a sua própria, fica com pena de mim eu acho, pernas compridas e esticadas e pergunta Quando você leu? Os Demônios? É. Uns dois, três anos atrás. Você gostou? gostei. Por quê? Stavróguin. Aquele niilista abusador de crianças? Ele não é bem um niilista. Nuvenzinhas de fumaça saindo de sua boca Eu diria que a parte do abuso infantil é a mais preocupante de todas. Pelo menos ele admite que errou. E o que isso importa, uma vez que o foi feito é irreparável? Mas ele ‘tá arrependido. Mesmo se estiver, e daí? Perdão. Ele não merece isso. Por quê? Porque a criança continua morta. Ele não a matou. Ele consente com a cabeça Mas tem vários jeitos de fazer isso sem fazer alguém morrer literalmente. Então é só o desperdício de mais uma vida? Aquela

vida já foi desperdiçada. É mesmo? E não é? ele diz. Bom ele fez uma coisa da qual se arrepende e precisar de perdão não é uma coisa que todos temos em comum? Isso é estar vivo e depois morto. Não seja cínico, eu digo E quanto à esperança? Ou o amor? E você já se apaixonou alguma vez? Ainda não mas um dia. Com fé, ele diz. E você? Eu o cutuco. Se já me apaixonei? Não, no que você acredita? No esforço de toda uma vida para se sentir indiferente. Isso é meio triste. Ah é, você acha? eu consinto. Espera até você ter a minha idade, ele suspira. Não dá uma de sabichão pra cima de mim, eu respondo. Então não dá uma de sabichona pra cima de mim, ele retruca. Silêncio entre nós dois. Mordo meu lábio. Ei, cara! pra algum barman e vermelha feito um pimentão. Essa é a minha pior versão e Sabe, ele diz, com o cigarro na boca Você é a única garota pra quem eu já falei essas coisas e quis continuar no flerte. Você tá dando em cima de mim? Eu achava que sim como 'tô me saindo? 'Tá indo. Então se eu for ali pegar mais uma cerveja pra gente você vai estar aqui quando eu voltar?

Texto original de *The Lesser Bohemians* (p. 22-25)

TERM ONE

Monday 19 September – Friday 9 December 1994

[...]

Squeeze at the bar thinking Don't let her call, give me the night out. Drum my fingers. And stop, so the barmaid don't think it's at her. Hurry up but. Then she does and I order and see, any moment, that cigarette will spill. On my hand too – if its smoker isn't careful – and that blink minute, very second, it does. Ow! I ow! though really not hurt and its owner goes Shit! Are you alright? long fingers flick dusting ash into my coat while I – circumstantially too close – blush Fine. I didn't burn you? No. Good sorry about that – and book indicating – Bit too engrossed. Ah you really shouldn't do that, you know. What, read? Fold it back, it'll break the spine. It was broke when I bought it, but he straightens it out and I go The Devils? That's right, just at the end. The confession. You know it? 'I killed God.' Impressive. Why? No reason, you just don't look the kind. Oh? Boobs too big? Hair too blonde? Jesus! his eyes wide and laughing Not at all, I only meant that you look kind of young. What does that mean? muttering a fuck at the puce I've gone. Nothing, I just thought all the kids were into lightness and being, I apologise, I didn't mean to offend. Well I've read that too and. Want a cigarette? No I should get this back to my friend and. I'm going to finish off these last few pages, he says But after that, as reparation, can I buy you a drink? I doubt we'll still be here. But if you are? Well we'll see. The we'll see, he smiles into his Penguin Dostoyevsky and I mortify my way back to her.

Oh my fucking God! she Oh my God what was that? Don't just don't you won't believe what I said Oh God I wish I was dead. She just kicks at me Tell? And friends are

made this way so I spin it out, laced with plenty Don't stare's. Well he could buy me a drink, she smirks at the end He's older too which equals good in. Stop that, besides which, he's probably already forgot and even if he hasn't anyway what about your fella? She nips up the bait and off we go me careful ducking his eyeline until Hey Dostoyevsky girl? Same again? I ahhh yes. He points to her You as well? She shakes her head, I have to make a call. Don't, I Please? Begging ignored and the scruffy Devils stuffed into his pocket. It'll be all wrecked now, I think.

I'll be all wrecked now, I say. Library school is it? he asks. Drama school actually. Which one? Does it matter? It might. How come? I'm an actor. Oh. He long-angle lights a cigarette Are you always this bad-tempered? And my cheeks go shame So then what would I have seen you in? Now, now, you should never ask an actor that, he says. Why, in case you've mostly been 'resting'? Exactly. And have you? No, I've not. So what's the last thing you did? This month I started work on a script. That's not. Sorry to interrupt, but can I get my coat? No! Eye beg her as he sits forward to let. She tugs it up and while buttoning, merciless mouths Good luck! then gives the goading eyes Come round tomorrow alright? Alright. Left bereft so, I watch her now going going gone.

Irk some slowly, I turn back. Don't worry, he says You'll be alright, canines showing in his English smile. Eyes a little tired but features fine. God, to be a parrier not I know I, being all I can get through my lips. Him, tapping his own, takes pity I think, long legs eased out asking When did you read it? The Devils? Yes. Two years ago, three. Did you like it? I did. Why? Stavrogin. The child-molesting nihilist? He's not a nihilist, really. Smoke sheets from his mouth I'd say the child-molesting is the more concerning part. At least he acknowledges what he did wrong. What does that matter, once the irreparable's done? But he's sorry. Even if he is, so what? Forgiveness. He's not entitled to that. Why? Because the child's still dead. He didn't kill her. He nods his head But there are more ways than literally to make someone die. So then just waste another life? That life's already wasted. Is it? Isn't it? he says. Well he did something that he regrets and isn't needing forgiveness common to all of us? That's just being alive then being dead. Don't be cynical, I say What about hope then? Or love? And have you ever been in love? Not yet but I will. Faith indeed, he smiles. So what about you? I pin him. Have I been in love? No, what do you believe in? The lifelong struggle to remain indifferent. That sounds sort of sad. Oh you think so? I nod. Just wait until you're my age, he sighs. Don't you patronise me, I say. Then don't patronise me, he replies. Silent us. I bite my lip. Oi mate! somewhere at a barman, and hot to the gills. This my worst by far and You know, he says, through his cigarette You're the only girl I've ever said that to and still wanted to keep chatting up. Are you chatting me up? I thought I might how's it going so far? It's going alright. So if I go and get us another pint you'll still be here when I get back?

Comentários e reflexões acerca da tradução

Antes de comentar acerca da tradução, acho importante comentar sobre minha leitura e familiarização com *The Lesser Bohemians*, fundamental para se colocar em contexto meus processos interpretativos da obra. Em 2022, o tema da VI Jornada do Núcleo de Estudos Irlandeses da UFSC foi “Irish modernisms” (“Modernismos irlandeses”). Como o ano que marcou o centenário da primeira publicação do emblemático *Ulysses* de James Joyce, debruçamo-nos não só sobre o cânone irlandês, mas, em especial, sobre modernismos outros, que por décadas foram marginalizados. Como núcleo de estudos, também buscamos estudar sobre como o modernismo irlandês do começo do século XX influenciou e influencia a literatura irlandesa. Com isso em mente, decidimos convidar Eimear McBride para ser nossa escritora a ser entrevistada, como todos os anos convidamos um artista ou escritor para a Jornada. McBride seria entrevistada por mim e, por isso, incumbi-me da tarefa de conhecer tudo o que ela teria escrito até aquele momento e ler ou escutar suas entrevistas anteriores de modo a confeccionar perguntas que gerariam uma discussão autêntica – não seria uma tarefa fácil, mas era factível.²

Li seus romances em ordem cronológica de publicação. Comecei então por *A Girl is a Half-Formed Thing*, que também é um romance narrado em primeira pessoa, mas a protagonista é uma menina. Estamos em sua mente e, com ela, seguimos ao longo de alguns anos até o seu suicídio. A linguagem do fluxo de consciência se altera à medida que a protagonista vai crescendo. Tudo é mais caótico até mesmo pela falta de vocabulário dessa menina, que se torna adolescente, vive uma série de abusos e traumas até a sua morte. A extrema falta de afeto e suas incessantes buscas por ele marcam essa narrativa dura – a linguagem é dura e crua, como é a vida da menina, o que, a meu ver, tem a marca da genialidade de McBride.

The Lesser Bohemians vem na sequência cronológica, mas agora, sob a perspectiva de uma jovem adulta, que sai de casa para estudar. Eily, ao contrário da menina de *A Girl*, vai em busca do que quer viver. A narrativa se altera à medida que o relacionamento de Eily e Stephen se aprofunda. Há uma grande mudança no livro quando Stephen conta a sua história de vida à Eily. O roman-

2 Desde 2023 a entrevista está disponível no site do Núcleo de Estudos Irlandeses (NEI) da UFSC em: <<https://nei.ufsc.br/>>.

ce adquire uma estrutura semelhante à de alguns romances do século XIX, em que temos uma narrativa dentro da própria narrativa. Stephen conta sua longa história a Eily, por quem a ouvimos atentamente. Essa passagem me remeteu à *Frankenstein* (1818), de Mary Shelley, no momento em que a criatura narra a sua história a Victor. Enquanto Victor escuta a história da Criatura, temos acesso à sua perspectiva, assim como em *The Lesser Bohemians*, em que temos acesso às visões de Stephen pelos ouvidos de Eily. Por limitações de espaço, detenho-me aqui quanto à estrutura narrativa. Segundo McBride (2023), *The Lesser Bohemians* já foi traduzido para o francês, holandês, português europeu, espanhol, italiano, croata, húngaro e polonês.

Julgo importante mencionar que trabalho nesta tradução depois de ter passado por um período imersivo lendo as obras de McBride e discussões críticas com a própria autora sobre suas obras. Tudo isso teve papel fundamental na minha interpretação não só como leitora, mas como tradutora do excerto apresentado. Sendo assim, passo agora ao meu processo tradutório. Como em *A Girl*, em *The Lesser Bohemians*, é pela protagonista, neste caso Eily, que, como leitores, ouvimos tudo o que se passa ao seu redor. McBride se utiliza de recursos não-convencionais para conduzir as sensações de Eily, como espaçamentos maiores entre palavras e tamanho de fonte alternada, por exemplo. Como estamos em sua mente, por vezes, sua linha de raciocínio é interrompida, e não se tem sequer um período completo de onde se tirar a unidade de significado. É em cima desses fragmentos que se dá a tradução. Por vezes, o parágrafo é a melhor unidade de tradução disponível.

Para ilustrar isso, comento duas passagens:

No último parágrafo do texto original, temos o seguinte período: “God, to be a parrier not I know I, being all I can get through my lips.” De modo amplo, por conta do contexto maior, compreendemos que Eily sente-se nervosa na situação de flerte com Stephen. É a sua primeira saída na grande Londres, o começo de sua nova vida como jovem mulher adulta. Mas aqui me deparo com problemas de compreensão e que, mesmo depois de resolvidos, tornar-se-ão problemas de tradução. Primeiro, preciso compreender o significado de “parrier”. Em visita ao *Word Reference* e ao *Cambridge*, em suas versões online, não encontro “parrier”, mas sigo para a palavra mais próxima sugerida: “parry”, um verbo, “to parry”. Descubro que se trata de um movimento de defesa em esgrima. O *Cambridge* dá a definição: “to defend yourself from a weapon or an attack by pushing the weapon away or by putting something between your body and the weapon”, aqui um movimento de defesa; já o *Word Reference*, “fencing: defensive move”, seguido do exemplo:

“The fencer defended himself with a parry”.³ Daqui infiro, portanto, que “parrier” seria alguém que faz movimentos defensivos, como numa luta de esgrima. Minha compreensão me levou a pensar que Eily sente-se sendo evasiva, mas que desejaria conseguir o que queria pela boca, pela sua capacidade de articulação. E então me volto ao começo do que seria o período: “God, to be a parrier [...]”. Aqui “God” é um vocativo, mas também uma interjeição, um clamor. Certo, trata-se de um pedido, um desejo de Eily! Então, Eily gostaria de ser como uma lutadora de esgrima? E deseja conseguir o que quer pelas palavras de sua boca? Mas e “not I know I”? A falta de pontuação e a frase interrompidas me trazem um problema aqui. Confesso que senti necessidade de escrever à Eimear. Como ela sempre se mostrou muito aberta para discutir questões de interpretação comigo, começo a redigir meu e-mail. Sinto-me tão insegura fazendo essa tradução quanto Eily em sua conversa com Stephen. E sim, ela confirma: Eily gostaria de ser páreo para Stephen, mas sente-se insegura por achar que não é. Eily gostaria de dar respostas elaboradas à altura de tudo o que ele fala e não simplesmente “I know”. Finalmente, sinto que tenho todas as informações que preciso para traduzir esse trecho. E assim elaboro minha formulação, pensando sempre em referências que trarão naturalidade e fluidez para meu texto em português: “Céus, queria ser páreo pra ele, não ficaria nessa de ah pois é, conseguir tudo o que eu quiser pela minha boca.”

E agora comento a última passagem, também localizada no último parágrafo: “Oi mate! somewhere at a barman, and hot to the gills.” A expressão “hot to the gills” é o que me encurrala aqui. Acho que tenho um problema de compreensão a princípio, me pergunto se “hot to the gills” seria uma expressão existente de fato, no entanto, nenhum dicionário me aponta para isso. “Gills” significa “guelras”, certo, isso eu sabia. Quando penso na função e na localização das guelras nos peixes, o órgão por onde respiram, penso no pescoço humano – seria então uma metáfora? Descubro que não há uma expressão assim. “Gill” poderia ainda ser uma corruptela para “girl”. Estamos num bar, numa saída noturna, então poderia se tratar de flerte no bar? Perdida como Eily, me volto ao contexto, à situação. Eily e Stephen estão em uma conversa profunda e tensa sobre um personagem do livro *Os demônios*, de Dostoievsky. Trata-se de uma discussão sobre ética e justiça e, em vários níveis, existencialista também. Fora isso, sabemos que Eily sente-se nervosa. Stephen já demonstrou sentir-se impressionado pelo seu conhecimento

3 Definição de “parry” segundo o dicionário *Cambridge*: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/parry>> (acesso em 22 jun. 2023); e segundo o *Word Reference*: <<https://www.wordreference.com/enpt/parry>> (acesso em 22 jun. 2023).

literário, por ter lido o que leu, sendo ainda tão jovem. Mas, ainda assim, Eily sente-se insegura. Finalmente, chego à expressão idiomática “green around the gills”, que, segundo o *Cambridge*, seria uma expressão cômica e antiquada para alguém com aparência nauseada, pálida.⁴ “Hot to the gills” seria então uma corruptela da expressão existente? Por e-mail, Eimear confirma: “is an adaptation of the slang phrase for looking nauseous ‘green at the gills’ - like a fish. So, this just means she’s red at the gills - blushing.” (MCBRIDE, 2023) Chego, assim, à seguinte tradução: “Ei, cara! pra algum barman e vermelha feito um pimentão.” Acabo por manter a pontuação do texto de partida. Eu poderia explicitar a vermelhidão de Eily traduzindo a passagem por “fico vermelha”, pois a voz de quem chama um barman não é a dela (“Ei, mate! somewhere at a barman”). Mas prefiro deixar assim, até porque “vermelha”, no feminino, já traz informações adicionais à passagem em português que não existem em inglês.

Busquei utilizar uma linguagem mais coloquial para retratar as idiosincrasias de Eily. Assim como na tradução de teatro, gênero textual com o qual trabalho e traduzo há quase quinze anos, busquei marcar as vozes das personagens. Utilizei-me de contrações, como “pra” ao invés de “para”, “tou” ao invés de “estou”, para fazer algumas dessas marcações no texto. Também procurei usar, sempre que possível, expressões correntes em português do Brasil, como “vermelha feito pimentão” de modo a marcar a fluidez das falas e pensamentos. Também é importante dizer que empreguei amplamente o procedimento cunhado por Jean-Paul Vinay e Jean Darbelnet como “modulação” ([1958] 2000, p. 88, tradução minha), por exemplo, sempre tendo em vista resultados idiomáticos na língua de chegada. A modulação proporciona, na tradução, uma “variação na forma da mensagem, obtido por uma mudança no ponto de vista” (*ibid.*, p. 89, tradução minha). Ela se justifica porque, se traduzido literalmente, o resultado seria não-idiomático na língua de chegada, ou ainda aqui no caso, uma interpretação errônea. Para exemplificar, no terceiro parágrafo acima, Stephen, ao constatar a preocupação de Eily com relação ao estado do livro que ele está lendo, pergunta-lhe: “Library school is it? he asks.” Ao que ela responde: “Drama school actually.” A fala dos dois diz respeito ao local onde Eily estuda. “Library school” seria uma instituição profissionalizante de ensino superior para a formação e treinamento de bibliotecários. Poderíamos pensar numa tradução como “faculdade de biblioteconomia”, mas não há de fato uma equivalência entre a graduação em biblioteconomia no Brasil e o curso profissionalizante de biblio-

4 Definição de “be green around the gills”: < <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/be-green-around-the-gills?q=green+around+the+gills> > (acesso em 22 jun. 2023).

teconomia no Reino Unido, nem entre um curso de graduação em Artes Cênicas e o curso de treinamento para atores que Eily cursa. Para resolver a questão, optei por “estudante de biblioteconomia” para pergunta de Stephen e a resposta de Eily, em estrutura paralela à pergunta, como “estudante de teatro”.

Apresentação da autora – Eimear McBride

Eimear McBride (1976-) é uma escritora contemporânea, filha de pais irlandeses. Apesar de ter nascido em Liverpool, na Inglaterra, logo se mudou com a família para a Irlanda e cresceu entre os condados de Sligo e Mayo. Aos 17 anos, mudou-se para Inglaterra, para estudar no *Drama Centre*, em Londres. Em crítica escrita para o jornal irlandês *Independent*, J. P. O’Malley (2016) fala de McBride como uma autora contemporânea responsável por reavivar o modernismo irlandês. Trabalhando com múltiplos gêneros textuais, até o presente, McBride teve três romances publicados: *A girl is a half-formed thing* (2013), *The Lesser Bohemians* (2016) e *Strange hotel* (2020). Ela também escreveu e publicou os contos “Ivy Day in the Committee Room” (*Prospect*, 2014), “Through the Wall” (*The Long Gaze Back*, 2015) e “Atheist” (*Winter Papers 3*, 2017). Além disso, escreveu e publicou os ensaios “If I Ruled the World” (*Prospect*, 2016) e diversos outros para o jornal britânico *The Guardian* e para a *BBC Radio 4*, assim como o livro de ensaios *Something out of place: women & disgust* (2021). Em 2017, foi agraciada com a bolsa de estudos inaugural em escrita criativa (*Creative Fellowship*) do Beckett Research Centre, na University of Reading. Seu período no Beckett Research Centre teve como resultado as “mini peças” compiladas em *Mouthpieces*, lançadas como peças radiofônicas pela rádio nacional irlandesa *RTÉ Drama on One* (2019) e publicadas pela Faber & Faber também em 2019. É também roteirista e está trabalhando em roteiros para as produtoras See Saw Films, House Productions e DMC Film, todas em colaboração com a BBC Film. Escreveu prefácios para livros de autoras como Anna Akhmatova, Edna O’Brien e Elizabeth Hardwick. Por fim, foi agraciada com os seguintes prêmios pela publicação de *A girl is a half-formed thing*: Women’s Prize for Fiction, Goldsmiths Prize, Desmond Elliot Prize, James Tait Black Memorial Prize, Geoffrey Faber Memorial Prize e Irish Novel of the Year Award. Ela é membro da Royal Society of Literature e mora em Londres.

Apresentação da tradutora – Alinne Balduino P. Fernandes

Alinne Balduino Pires Fernandes concluiu seu Ph.D. pela Queen's University Belfast em 2012, em dramaturgia e tradução de teatro, especializando-se no teatro de Marina Carr. Desde 2015, é professora efetiva da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde fundou, junto com Maria Rita D. Viana e Beatriz Kopschitz Bastos, o Núcleo de Estudos Irlandeses (NEI), que está em atividade desde 2016. Anualmente, organiza a Jornada do NEI, que sempre conta com palestras e entrevistas de professores especialistas de universidades estrangeiras e artistas irlandeses e norte-irlandeses. Desde 2021, é coordenadora do NEI. Na UFSC, também criou o Laboratório de Drama Radiofônico (LabDrama) com auxílio do CNPq - Universal 2021. O LabDrama tem o intuito de produzir peças de radioteatro a partir de oficinas de escrita criativa, tradução e adaptação de obras de escritoras irlandesas e norte-irlandesas. Fernandes já traduziu e dirigiu peças de teatro de dramaturgas como Marina Carr, Mary Raftery, Christina Reid, Patricia Burke-Brogan, Stacey Gregg e Lady Gregory, além de ter escrito dois roteiros de peças de radioteatro. Também traduziu e publicou o conto “Night swim”, sob o título “Natação noturna”, de Anne Enright, parte do projeto *Translating Anne Enright*, organizado pela European Federation of Associations and Centres of Irish Studies (EFACIS), em 2022.⁵ É autora de diversos artigos sobre literatura e teatro irlandês de mulheres, tradução de teatro e livros em colaborações internacionais, como *Theatre, Performance and Commemoration: Staging Crisis, Memory and Nationhood* (2023). É membro do conselho executivo da *Irish Society for Theatre Research* (ISTR) e do Grupo de Trabalho Teatro e Dramaturgia da ANPOLL. De setembro de 2022 a julho de 2023, realizou estágio pós-doutoral na Universidade de Brasília e na University College Dublin. Seu projeto de pesquisa, que adota a metodologia de pesquisa amparada na prática, envolveu o estudo do radioteatro, tradução e adaptação do conto “Grow a mermaid” de Marina Carr (1996) como peça sonora.

5 A tradução do conto encontra-se disponível em: <<https://enright.efacis.eu/translations/nata%C3%A7%C3%A3o-noturna>>. Acesso em: 28 de junho de 2023.

Referências bibliográficas

GILLIGAN, Ruth. “Eimear McBride’s Ireland: a case for periodization and the dangers of marketing Modernism”. In: *English Studies*, Vol. 99 No. 7, p. 775-792. <<https://doi.org/10.1080/0013838X.2018.1510621>> Acesso em: 20 de junho de 23.

MCBRIDE, Eimear. *Re: The Lesser Bohemians* – quick translation questions. Mensagem recebida por <alinne.fernandes@ufsc.br> em 21 de junho de 2023.

_____. *Something out of place: women and disgust*. Londres: Profile Books/Welcome Collection, 2021.

_____. *Strange hotel*. Londres: Faber & Faber, 2021.

_____. *Mouthpieces*. Peça radiofônica. RTE Drama on One, 24 mar. 2019. Disponível em: <<https://www.rte.ie/radio/dramaonone/1038351-mouthpieces-by-eimear-mcbride>> Acesso em: 16 de junho de 23

_____. *Mouthpieces*. Londres: Faber & Faber, 2019.

_____. *The Lesser Bohemians*. Londres: Hogarth, 2017.

_____. *A girl is a half-formed thing*. Londres: Hogarth, 2013.

O’MALLEY, J. P. “McBride revives Irish modernism”. In: *Independent*, 11 set. 2016. Disponível em: <<https://www.independent.ie/entertainment/books/mcbride-revives-irish-modernism/35036202.html>> Acesso em: 16 de junho de 2023

VINAY, Jean-Paul; DARBELNET, Jean. “A methodology for translation”. Traduzido por Juan Saber e M.-J. Hamel. In: VENUTI, Lawrence (ed.). *The translation studies reader*. Londres/Nova York: Routledge, 2000, p. 84-93.